



Avante!

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)

FOCOS DE GUERRA

Frete mundial de luta contra a guerra!

«O Economist» escrevia a 24 de Novembro último: «Se examinarmos com atenção a situação actual, vemos que por toda a parte se amontoam matérias inflamáveis ensofadas de petróleo. Só falta pegar-lhes fogo.»

Esta é justamente a situação. Os Balkans persistem constituindo um foco de guerra. Ainda não estava apagado completamente o fogacho que foi aceso com o assassinato de Dollfus e a qual deu uma clara expressão às maquinacões hitlerianas lá novas esquinas imperiais se produziram: o duplo atentado de Marseilha, a situação internacional tornou-se de novo tensa. Os últimos comunicados das agências telegráficas refletem, porém, que a S. das Nações conseguiu que reinasse de novo a calma...

Entretanto, a realidade demonstra que debaixo do manto da «calma» da S.D.N., envenenam-se os focos de guerra. A situação não está resolvida nos Balkans. A política dominante da Hungria é a revisão de fronteiras. Como a pequena «nente» demonstrou mais uma vez dum modo perentório que não cederá uma polegada à Hungria — sucede que a política geral húngara pressupõe a questão de guerra.

Persistem as cobiças italianas no terreno da Europa, para as bandas do noroeste e do nordeste. Prosseguem as conversações franco-italianas, mas os próprios jornais franceses declaram que em relação à remoção das cobiças italianas no terreno da Europa a questão mantém-se como há trez mezes.

Seguidamente a questão do Sarre. A perspectiva dum acordo entre a França e a Alemanha a propósito do Sarre, acordo traçado no quadro da S.D.N., não exclui a questão de guerra, antes a coloca mais premente, lhe introduziu uma derivação e lhe desloca o centro de eclosão.

Tudo se encaminha para a entrada da população do Sarre à Alemanha hitleriana contra dinheiro. A Inglaterra toma a direcção do negocio.

Ao mesmo tempo, «a diplomacia britânica estimula no Extremo Oriente o imperialismo japonês a atacar a União Soviética» no sentido da realização dum novo golpe de audácia contra o caminho de ferro do Leste Chinês e da penetração na «Mongolia interior».

Trata-se do prosseguimento da velha política inglesa: impedir a guerra entre as potências imperialistas e lutar pela sua união na guerra contra a União Soviética.

Reforcemos a campanha de protesto contra as provocações anti-soviéticas do imperialismo japonês! Todos firmes na irreutável guerra proletária de luta contra a guerra!

As eleições para a «Assembleia Nacional», ou uma alta paródia fascista

O apuramento eleitoral transformouse num parto imensamente laborioso. Só cinco dias após o domingo das grandes decisões, o domingo em que «a voz foi dada às urnas» é que os grandes rotativos anunciaram:

... 331.657 inscr. 431.777 vot. ... E uma semana depois acrescentava-se que, em Lisboa, o deputado mais votado recebeu 47 mil e poucos sufrágios.

A isto tudo chamou o governo uma vitória estrondosa.

Para fabricar a sua «vitória estrondosa», os fascistas recorreram aos últimos extremos. O ministro da justiça disse, em Braga, que a Assembleia Nacional era... um parlamento com personalidade que ia ao ponto de poder destituir o Presidente» («Diário de Notícias»). Salazar, por seu turno, segredou aos caciques «nem um voto a menos do que os já antes ganhos» (da Conferência do Presidente do Conselho). Seguidamente, a fornada de U. N. entou, por toda a parte, em tempo, «Abster-se é votar contra!» E não é tudo. Nas secções de voto foi criado um terceiro tempo, para as votações a monte. Por outro lado, naância de emendrontar as massas e de as forçar a votarem de chapá, foram fornecidas listas transparentes. E, por fim, o apuramento que veio publicado, foi o apuramento do Ministério do Interior, e, tudo isso, só após 24 horas (em relação aos primeiros dados parciais), isto é, depois de se haverem joierado, completamente, as listas que, apesar de tudo, as massas haviam anulado, em sinal de demonstração anti-fascista.

80 a 90 por cento do eleitorado ao lado do Governo — como eles afirmam — isso diria que o dia 16 de precedentes haviam sido dias de um delírio de massas. Os factos, porém, falam doutro modo. Em Lisboa, por exemplo, nada mais se registou do que umas sessões em família. Os fascistas foram pregar a Saratém, onde não encontraram público. Sucedeu-lhes o mesmo em Almeirim. Ao fim e ao cabo, o dia decorreu monótono e sensorial. Apenas nas Terras do Buro, em Vimioso e em Tortozendo, dizem os jornais, houve manifestações.

Em contra partida, a campanha eleitoral, revigorou a indignação revolucionária da massa. Todos os cartazes eram rasgados umas horas depois de afixados. Multiplicaram-se «foices e martelos», as iniciais «P. C. P.» e as inscrições «Pão e

trabalho» e «Libertai Thaelmann». Tudo isto eleva a proporções de extraordinária falsificação a campanha e o acto eleitoral. Finalmente o mutismo da grande imprensa, a respeito dos resultados, os fundos do «Diário de Notícias», dedicados a prosa vária e a várias peças literárias, não revelam senão o desejo que os fascistas começaram a ter desde as primeiras horas, a de fazerem com que as massas esquecessem a comédia.

Os dados oficiais falam muito, apesar de tudo. 1.200.000 indivíduos com capacidade eleitoral em todo o país e 432.000 votantes, isso por dizer que só concorreram às urnas 36% do eleitorado! Melhor: 6,30 da população!

Em segundo lugar, esses dados revelaram que as mulheres não gostam do «Estado Novo» — acham-no velho, como dantes (votaram 350 mulheres!).

Em terceiro lugar revelam que a ditadura não conseguiu conquistar o grosso da coluna dos camponeses. Isto é tanto mais importante, quanto nos damos conta de que todo o acto eleitoral da ditadura foi conduzido sob o signo do combate furibundo e derradeiro ao Partido Comunista.

Por fim, o proletariado continua alheio à influência do fascismo. No Barreiro votaram 54,1% dos eleitores inscritos. No Porto 63,1%. O Distrito de Lisboa empresta um acrescentado realce a este facto. O número de «votantes» é de 68.274, enquanto que só o número de proprietários e de funcionários do Estado e Municipais é de 120.000 pessoas! A massa trabalhadora compõe-se de 180 380 indivíduos.

A alta paródia fascista do dia 16 não escapou à compressão das massas. No dia seguinte as eleições diziam-se já:

— Para borracheira já basta! O dia já provou que as grandes massas se encontram fora do eleitorado fascista e que, até, em grandes proporções, deram às abstenções um carácter ostensivo. Por outro lado, os fascistas não conseguiram ganhar-las aos Sindicatos Nacionais e às Casas do Povo.

Daquli, as eleições revelaram que a grande maioria da população do país já se encontra no terreno do despoite em relação à ditadura.

A nossa tarefa consiste em transformar este despoite em capacidade revolucionária da maioria do proletariado e dos camponeses, contra o reinado do fascismo, contra a ditadura capitalista, pelo Governo Operário e Camponês.

Um documento inédito

(Engels na luta contra os anarquistas)

«O documento que a seguir se produz é o plano do discurso pronunciado por Dr. Engels na Conferência da 1.ª Internacional realizada em Londres a 21 de Setembro de 1871. Nos seus discursos, Marx e Engels colocaram dum modo preciso a questão da luta pela ditadura do proletariado e a do papel do partido político da classe operária» (Extrato da Nota do Instituto de Marx - Engels - Lenin).

O plano do discurso

1) Lourenço: a questão de princípio está resolvida (1)

2) A abstenção da política é impossível. A política de jornais é tão bem uma política: todos os jornais partidários da abstenção, atacam o governo. Toda a questão se põe em saber como e em que medida deve ser feita a intervenção na política. Isso depende das circunstâncias e não das receitas.

— A abstenção da política é uma coisa insensata: abstermo-nos para evitar que pessoas indignas possam ser eleitas; por consequência devemos resolver também de não depositar as cotizações na caixa, porque a caixa poderá fugir. Por consequência também não editar jornais porque o redactor pode tornar-se venal, tanto como um deputado.

3) O Partido operário, como partido político existe e que agir politicamente; pregar-lhe a abstenção da política, isso significa desagregar a Internacional. A simples abstenção da situação, a opressão política obriga os operários a ocuparem-se da política, para fins sociais. Os propagandistas da abstenção levam os operários a cair nos braços dos políticos burgueses. Após a Comunha que pôz na ordem do dia a acção política dos operários, a abstenção da política é impossível.

4) Nós queremos a supressão das classes. O único meio é o poder político do proletariado; poderemos abstermo-nos da política? Todos os partidários da abstenção da política se dizem revolucionários. A revolução é um acto superior da política e aquele que aspira à revolução deve reconhecer também os meios que a preparam, que educam os operários para a revolução e encaminham-na para ela.

(Continua na 6.ª página)

(1) Lourenço, bakunista espanhol havia declarado na conferência que ele não tinha poderes para resolver sobre a questão da luta política do proletariado, visto que, isso era uma questão de princípio» a submeter aos debates do Congresso Marx e Engels, indicaram que esta «questão de princípio» já havia sido resolvida nos Estatutos da Internacional e também nas resoluções dos seus numerosos congressos.

U. R. S. S.

No limiar da construção definitiva do socialismo

As realizações gigantescas do II plano quinquenal

«A principal tarefa política do segundo plano quinquenal... consiste em vencer definitivamente as sobrevivências do capitalismo na economia e na consciência dos homens.» (Da XVII Conferência do P. C. da URSS).

Aquêles, sobretudo de entre os chefes anarquistas, que já não podem negar a realidade dos progressos da URSS, mas que continuam agarrados às receitas anarquistas, dizem a cada passo: «Aquilo é uma espécie de reprodução da experiência norte-americana; progride a indústria e a técnica é certo. Mas... nem só de pão vive o homem».

O «Estado Novo», que ainda não foi capaz de dar pão aos homens, apesar das grandes colheitas de trigo, também quer fazer crer as massas que o mais importante é o espírito da ideia... salazarista. Há uma certa relação, e não só a propósito de ideias e do moral entre uns e outros dos que acabam de ser apontados.

«E é que é certo é que a América do Norte já perdeu as rodas da sua rotação».

Passemos em breve revista o trabalho que a URSS vai realizar no período 1933-37.

O volume, no conjunto, da produção da indústria, exprimir-se-á, em 1937, por 92,7 bilhões de rublos, contra 43 bilhões, que era o seu nível em 1932. A produção de artigos de consumo, correrá à média anual de 18,5%, de elevação, ao passo que no primeiro plano esse aumento anual fora de 17%. A indústria local desempenhará um grande papel na produção destes artigos. Os artigos de grande consumo levantarão esta indústria a triplicar, naquele espaço, a sua capacidade de produção. Em 1937, 80% da produção industrial, deverão provir de fábricas absolutamente remodeladas de aparelhagem técnica. A maquinaria nova posta a funcionar nas fábricas e oficinas, deve representar 50 a 60%, de toda a maquinaria em actividade no conjunto da economia nacional. Neste último intervalo deverão ser fabricados, pelo menos, mais 200 novos tipos de máquinas modernas. 80% da produção de ferro fundido provirá de fornos inteiramente mecanizados. A indústria da construção civil será mecanizada em 80%. Elevar-se-á de 10 vezes o consumo da energia eléctrica. Os transportes e a agricultura receberão muito mais o concurso da energia eléctrica.

Desenvolver-se-á, consideravelmente, o aquecimento nas indústrias e nas grandes cidades. A metalurgia vai elevar a sua produção no dobro. Realizar-se-ão progressos decisivos na indústria química. Multiplicar-se-á, dez vezes, a produção de adubos para a agricultura. Crear-se-á uma série de novas produções químicas (tratamento químico do combustível sólido: carvão, turfa, xisto, novas variedades de corantes, matérias plásticas, borracha sintética, etc.). Crear-se-á uma forte indústria de carnes. A

importância relativa da pesca mecanizada, será de 70%.

A produtividade do trabalho, que no primeiro plano quinquenal era de 410%, passará a 600%. Operar-se-á uma redução de 20% nos preços de revenda, o que representará, em 1937, uma redução de 13 bilhões de rublos.

O crescimento da produção no conjunto da agricultura será de 43 bilhões de rublos (preços de 1933). Produzir-se-ão 1,048 milhões de quintais de cereais, com um rendimento de 10 quintais por hectare, a produção da criação de gado deverá aumentar duas vezes e um quarto. O número de postos de trabalho técnico passará para 6.000, 80%, da produção agrícola provirão das culturas laboradas por tractores.

O tráfego ferroviário passará de 169 bilhões de toneladas em 1933, para 300 bilhões em 1937. Os transportes fluviais, de 25 bilhões de toneladas para 61 bilhões. Electrificar-se-ão 5.000 quilómetros de linha férrea; assentar-se-ão 9.500 quilómetros de novas linhas; aumentar-se-ão 8.500 quilómetros as

(Continua na 6.ª página)

O auxílio prestado pelo S. V. I. nos últimos meses

Da fração comunista do Socorro Vermelho Internacional (Secção Portuguesa) recebemos um relatório da sua actividade, do qual extraímos os balancetes referentes ao semestre que vai de Março a Agosto e aos meses de Setembro e Outubro de 1934.

Semestre de Março a Agosto

As receitas provenientes de: cotização, subsídios, venda de material de agitação e propaganda, donativos, selos «Solidariedade» subscrição nacional 12.918\$58

As despesas distribuídas por: auxílio a presos, a perseguidos... suas famílias, em assistência jurídica, em agitação e propaganda e organização, montaram a um total de 12.918\$58

Há a notar que o total da assistência a presos, perseguidos e famílias e em assistência jurídica foi de 9.608\$00.

Setembro de 1934

As receitas provenientes de: cotização, venda de material de agitação, donativos, subscrições, selos «Solidariedade», benefícios, e de «Assistência jurídica» e talismãram 3.067\$80

As despesas com: organização, assistência e agitação atingiram 3.601\$89

Para cobrir as despesas contraíram um empréstimo de 434\$00

Só com a assistência foram despendidos 2.035\$85

Os deportados dos Açores estão submetidos a um regime barbaro

Amnistia para todos os presos políticos e sociais!

Da Fortaleza de S. João Batista, em Angra do Heroísmo, recebemos a seguinte carta:

Camaradas

Estamos incomunicáveis há um ano; fomos submetidos, desde o início, aos maiores vexames e insultos. Não há higiene e a alimentação é intragável; toda a correspondência é violada e, a propósito de tudo e de nada, chegam as ameaças.

Temos lutado por um melhor regime. Aglutinamos à nossa volta presos de todas as tendências e, alguma coisa conseguimos.

Depois da chegada do Tribunal Militar Especial, a nossa situação piorou novamente. Os passos de 2 horas por semana, que havíamos conquistado, foram nos retirados. Somos tratados como se fôssemos os piores bandidos — nos empurram, açoitam, a coronhada à sabrida, a por entre os mais revoltantes insultos, provocações.

O tenente Adelino Soares, antigo chefe da polícia de informações em Coimbra, é quem tudo manda. Obedeça-lhe o comandante do Depósito de Presos — Capitão Spínola de Mendonça —, os tenentes Raposo Pacheco e Pavia e o sargento Mota, sempre prontos a exercer as maiores violências contra nós.

Quando chegaram os últimos 60 camaradas, nós saudamos os últimos 60

janelas das camaratas. Tanto bastou para que os tenentes Soares e Raposo ordenassem a um cabo da Guarda que os agredissem.

Rompem protestos de todas as bandeiras. Os dois tenentes subiram às camaratas e levaram tres camaradas para o «calção». Este é uma prisão póstica, de cujas paredes escorrem continuamente água, em qualquer estação do ano.

Esta violência originou novos protestos dentro da camarata, donde os carcerais levaram mais tres camaradas, dentro os quais um doente, para a «poterna», segredo que deixa a porder do vista o do Aljube e os muitos outros das prisões do continente; foi premiado, de propósito, para os tendo-se-lhe entapado a porta de saída para os fossos. E' um «redondo» semelhante ao que viam em S. Julião, pequenissimo, escavado em rocha viva, com 6 metros de profundidade, onde escorre constantemente água... Neste tumulto lúgubre, onde querem liquidar os camaradas que protestam contra as violências de que somos vítimas, não se sabe quando a dia nem quando é noite. Um companheiro que ali esteve, saiu, passados dias, com um ataque de reumatismo.

Eis os nomes de algumas camaradas que tem passado pela «poterna» e pelo «calção»:

José Liberto, funcionário publico, republicano; Arnaldo Simões, barbeiro, anarquista; Joaquim de Matos comunista; Jorge da Silva; Joaquim Pais; José de Almeida, anarquista; José Ventura, pedreiro; Manuel Rodrigues da Cunha, Maia, pedreiro; José Domingues, vidreiro, comunista; este, antes de ser metido no «calção» foi barbaramente agredido pelo tenente Adelino; Govino Rodrigues, Eduardo Monteiro, médico veterinário comunista; Ernesto dos Santos, empregado de escritório, caldeireiro; Mario Rodrigues Pio, caldeireiro, comunista; Carlos Ferreira, carpinteiro; Francisco de Campos, pintor, comunista; Alfredo Caldeira, pintor, comunista; Fernando Quirino, metalurgico, comunista; Manuel Alpedrinha, estudante, comunista; e muitos outros.

Daqui dentro nos encontramos, lançamos um apelo aos operários e a todos os anti-fascistas para lutarem pela amnistia de todos os presos políticos e sociais.

Denunciem por toda a parte o regime barbaro a que estamos sujeitos. Façam a maior agitação possível para nos arrancarem desta massmorra. Tereis, assim, mais umas centenas de camaradas a vossa lado, para derrubar nos juntos a ditadura e, com ela, o capitalismo que nos asfixia.

Saudações

Camaradas, correspondamos ao apelo das vítimas que a ditadura faz nas nossas fileiras!

Nosso, nos fabricas, nas escolas, nos campos, Comités Pro Amnistia que deverão fazer a maior agitação para que em Portugal e no estrangeiro se conheça a situação dos presos; organizem o envio de cartas e postais às autoridades exigindo a libertação dos presos políticos e sociais; organizem visitas em massa às prisões; recolham fundos para os presos; organizem

(Continua na 6.ª página)

Camaradas, Ingressai no S. V. I.

A cada 250, que pagarem, soada a milhares de cot s. paratizará auxiliar os trabalhadores que cam na luta!

Tudo isso vos foi arrancado da pele!

A campanha comecia, conduzia, pela ditadura, em torno das eleições para a Assembleia Nacional, foi acompanhada de muitas discurtas dos ministros e da patrulha marcante do Partido do Governo (União Nacional). Milhares e milhares de papéis foram afixados nas paredes das cidades e de todos os cantos do país.

A cada esquina era dito ao bom povo:

«A dívida flutuante reduziu-se a zero!». Houve 130.000 contos de saldo na última gerência, o que elevou a 717.000 contos as receitas arrecadadas nos seis últimos anos de Administração Salazarista. «A não importação do estrangeiro!». «Construam-se e reparam-se estradas e ressurge a Marinha de Guerra!». «Fundam-se escolas em todo o país!».

A questão que se põe, trabalhadores, é a seguinte: Quem pagou isso tudo?

Vejamo-lo em poucas linhas.

Nos cinco anos decorridos, desde 1929, a crise cresceu, nos domínios do comércio exterior. Entre 1926 e 1933, as importações reduziram-se de 2.431.000 contos. E as exportações tombaram de 70.000. Só entre 1932-33 e 1933-34 a exportação de conservas baixou de 43.633 toneladas para 29.274 (35,5 por cento). A exportação de vinhos do Porto decalhou de 4.163.636 decalitros para 3.593.862 (13,7 por cento). O comércio com as colónias (importações e exportações reunidas) reduziu-se de 40.641 mil contos, nos primeiros meses deste ano, em relação a igual período do ano passado. O volume da produção industrial do país não tem deixado de diminuir (100 por cento em 1929-30, 85 por cento em 1930-31, 81 por cento em 1931-32, 78 por cento em 1932-33 e 74 por cento em 1933-34). A contribuição predial, em crise, rendeu este ano menos 17.500 contos.

No meio de toda esta redução de valores no campo da economia do país, as receitas gerais do Estado foram elevadas de 3.289 mil contos no período que se estende de 1928 a 1933-34.

Como foi conseguido este aumento de receitas, em pleno campo de desmoronamento da economia nacional? Quem pagou para esta elevação das receitas do Estado, se, no meio do crescimento da crise económica e das cargas tributárias sobre a economia nacional, um bom número de empresas capitalistas ainda viram aumentar-se-lhes os lucros?

Esse aumento de receitas, donde resulta o coro fascista, da «redução a zero da dívida flutuante», dos «saldos de milhões», etc., etc., foi todo ele conseguido por meio do agravamento das contribuições e dos impostos indirectos, que afixam as massas pobres.

Quem pagou fustes vós, e só vós, explorados e oprimidos!

Pagaram os camponeses, sob a forma de agravamento das contribuições e impostos sobre as suas terras!

Pagaram os consumidores, em geral, sob a forma de novos impostos de consumo e da elevação do custo da vida!

Pagou a classe operária, sob a forma de reduções de salários, do avanço da exploração patronal, e estabelecimento do trabalho

forçado nos serviços das estradas dos campos e dos trabalhos públicos!

Toda a propaganda comecia, que a ditadura fez em volta das eleições, só veio por aí, mais uma vez, esta grande verdade: os pobres estouram de fome e de cansaço (?), sob o aguilhão patronal, enquanto os capitalistas e o seu Estado enriquecem, como já vimos, através de todos os tempos.

— Há finanças equilibradas e os saldos já montam a milhões?

— Passaram-se os maus dias e reanimam-se os negócios?

— Há trigo e produção de sobejo?

Pois muito bem! Isso quer dizer que chegou a hora de cuidar-se a sério da elevação do nível de vida da totalidade da população pobre, proletária e camponesa do país.

A pé! explorados! Não vos contenteis com paliativos fascistas!

Agrupai as vossas forças, e abaixo da bandeira do Partido Comunista Português.

Por uma larga campanha de inverno.

Pela elevação dos salários da classe operária!

Pelo pé, pelos alojamentos e pelos ganhos para os esfomeados!

Contra os descontos de 2%!

Por um socorro aos desempregados, custando inteiramente pelo Estado, pelos capitalistas e pelos grandes lavradores!

Por um socorro de maternidade à mulher trabalhadora e pobre!

Abaixo o trabalho forçado das estradas, dos campos e dos serviços públicos!

Abaixo o imposto de salvação pública e de «salvação nacional»!

Por uma larga redução dos impostos e contribuições dos pequenos produtores e dos camponeses pobres!

Pelos direitos políticos e sociais para os explorados e oprimidos!

Liberdade de greve, de reunião e de imprensa!

Amnistia total para os presos políticos e sociais!

Contra a guerra e pela defesa da URSS!

Abaixo o fascismo! Frente única! Unidade de acção de classe proletária contra a ditadura!

Um triunfo anti-fascista!

Fomos assistir à eleição do representante dos estudantes de Direito ao Senado Universitário. A corja de A. E. V., disseram-nos, linha desenvolvido uma intensa propaganda a favor do candidato «anti-comunista», como diziam uns impressos que andavam a distribuir.

Mas, apesar da sua propaganda, o candidato da «frente única salazarista», perdeu por 176 votos contra 203!

Ainda o resultado não foi pronunciado e os elementos fascistas, prevendo a derrota, procuraram inutilizar a eleição. Mas os seus «votos» a academia nacionalista, foram sfecados por «enrascas» à ditadura, ao fascismo e a Salazar e por vivas à Academia Revolucionária, ao Comunismo e à URSS, ante o teor do director da Faculdade que presidia à eleição.

Após o conhecimento do resultado, a saída do edifício, essas duas centenas de anti-fascistas, soltaram novos e entusiásticos gritos de revolta.

Hitler, Goering e Goebels foram ou não os incendiários?

A imprensa portuguesa «unanimisada» acaba de dar guarida nas suas colunas a um documento que «Le Journal», de Paris deu a público no dia 4 deste mês, onde se revela definitivamente que o incendio do «Reichstag» foi uma urdidura dos chefes supremos do Partido Nacional-Socialista.

Este facto reveste-se de uma importância, a todos os títulos, histórica. Karl Ernst, um ex-chefe das Seções de Assalto hitlerianas afirma no referido documento, e a imprensa burguesa mundial perilha essa afirmativa, que as imputações

aparecidas na imprensa do mundo inteiro, sobre que o incendio do «Reichstag» fora obra dos comunistas «eram falsas». «Eu, declarou Ernst em confissão póstuma, e 2 camaradas fizemos tudo». Goebels é que urdiu o plano, Goering aprovou e Rohem, Heines, Kollinghe foram cúmplices e o segredo foi comunicado mais tarde a Hanistag e Sander.

Van der Lubbe não foi mais do que um instrumento nas mãos dos dirigentes supremos do Partido de Hitler.

Tudo isso ressalta do testamento de Ernst.

Karl Ernst ficou a meio caminho. Há um outro personagem que não pode ser afastado do rol dos incendiários — Adolfo Hitler. Alguns dos directos abonam esta afirmativa, de resto já inteiramente acolhida pela opinião pública mundial.

Em 1930, Hitler declarava ao Tribunal do Império que nada se passava no movimento nazi, sem que eu o soubesse» (Do Livro Castanho). Isto já é um começo de confirmação do que acima afirmamos sobre a cumplicidade de Hitler, mas há mais. «Apenas haviam decorrido vinte a trinta minutos após a descoberta do incendio do «Reichstag», quando Hitler chegava ao local do sinistro. Imediatamente virou-se para von Papen e disse: 'E' um sinal de Deus. Ninguém nos impedirá agora de aquilular os comunistas com uma mão de ferro' (idem).

Hitler falou demasiado depressa e sem quaisquer provas, a propósito do apuramento da «responsabilidade» dos comunistas no incendio em questão. O interrogatório de Van der Lubbe «objecto» de investigação das provas jurídicas sobre os responsáveis do incendio do «Reichstag» durou até à manhã do dia seguinte. Hitler, ao fazer uma acuzação sem provas aos comunistas, não conseguiu senão revelar que a questão do incendio do «Reichstag» não havia passado dum provocação monstro preparada por ele e pelos seus lugares-tenentes contra o valente Partido Comunista da Alemanha.

O documento que os jornais há

Os burgueses horrorizam-se quando constatarem que queremos abolir a propriedade privada. Mas, na sociedade burguesa a propriedade privada está abolida para 99% dos seus membros.

O que queremos é apropriar estes 10% em benefício de toda a sociedade.

pouco deram a público não veio senão emprestar um carácter de verdadeira apoteose à acção mil vezes heroica e enérgica do Partido Comunista da Alemanha e de Dimitroff, de desmascaramento dos verdadeiros incendiários do «Reichstag». Não veio senão elevar ante o mundo inteiro o prestígio do Contra-Processo de Londres e confirmar a linha de justiça do pensamento moderno do Tribunal Mundial de julgamento do nazismo, que há pouco se reuniu.

Porque essa revelação nada traz de novo a prova jurídica, sobre o incendio do «Reichstag», encerrado no «Livro Castanho». O próprio Ernst fora denunciado no contra-processo de Londres. O chefe da 2ª secção de assalto, Ernst, conhecia o plano de Goering e de Goebels. E tinha recebido o encargo de fazer dos seus homens os arautos do incendio comunista» (Do Livro Castanho).

A questão do documento Ernst resume-se, no fundo, ao seguinte: Os incendiários Hitler, Goering, e Goebels, ainda que tivessem urdido a farsa com a maior das astúcias, não conseguiram desfazer até por umas horas as pegadas da sua culpabilidade. Do próprio campo da industria peizada (Deutsche Allgemeine Zeitung) e do campo do Partido Nacional Alemão (Dr. Oberfohren) surgiram as primeiras revelações contra o nazismo. O número dos cúmplices era grande e isso complicava a questão, se bem que se tratasse de «camaradas», Bell, Hamssen, Dr. Oberfohren e e mais tarde Rohem, Ernst, etc., foram fuzilados.

Era a loucura dos criminosos, que queriam lavar as mãos do crime que haviam urdido e praticado.

As armas do hitlerismo viraram-se, porém, contra o próprio hitlerismo.

A Alemanha é actualmente dirigida pela escumalha do capitalismo chegado ao maior grau de apodrecimento.

As massas alemãs dão-se conta do facto. Por cada dia que passa desmorona-se o poder de Hitler. E face à Alemanha hitleriana que apodrece ergue-se a nova Alemanha proletária e camponesa guiada para a Revolução Soviética pelo Partido Comunista.

P.S. O orgão da Moagem e paladino da patrulha dos Salazares «Diário de Notícias» tratou Van der Lubbe como sendo um jovem comunista. Compreende-se-lhe o alanceamento, Van der Lubbe nunca febril pequeno burguês de «pontificar» fizera-se, com efeito, membro I. C. holandesa. Em 1929 dirigia, porém, uma carta à J.C. onde dizia: «São coisas que provam que eu não sou um bom bolchevique. Eu sinto que presentemente não o sou... eu não o serei jamais».

«Até ao fim do ano (1932) escrevi o «Livro Castanho» - ele (Van der Lubbe) - fez várias viagens. Em todas as cidades, tomou parte em reuniões como orador e os seus discursos eram cheios de ataques aos Partidos Comunistas».

Van der Lubbe, como foi provado mundialmente, era um anti-comunista. E as suas ligações com os quadros supremos do Partido hitleriano provaram em primeiro lugar da sua aberração homossexual, que o fizera aproximar de Rohem, antes de tudo.

Cerrai Fileiras em volta do "AVANTE!"

"AVANTE!" é feito com os centavos dos operários, dos camponeses e dos camaradas pobres da pequena burguesia. E' dales que recebemos, centavo a centavo, o dinheiro, para a manufatura do jornal. Os camaradas que, não compreendendo isso, se esquecem do pagamento da revista revolucionária, prejudicam não só o desenvolvimento do Partido e da revolução, como ainda destroem os esforços dos que se sacrificam para isso.

A maior parte das vezes trata-se dum desleixo; mas esse desleixo é inadmissível e não podemos permitir que esta situação continue, sob pena de termos que diminuir a tiragem para 3.000 exemplares, e de r' duzir as paginas, de 6 para 4, e, possivelmente a suspender o jornal.

A divida total, em relação a nossa editorial é de 2.728.800.

E' necessário não só pagar essa divida mas ainda auxiliarmos, contribuindo, todos os camaradas, co- d nativos e entu- s

Porque se atrazam os camaradas? Quando comp am um jornal burgues (e fazem-no com frequência) não o pagam logo? Porque não pagar os jornais revolucionários?

Os responsáveis pela venda devem exigir o pagamento immediato e explicar aos camaradas sem partido porque o fazem.

Os manifestos são gratis, mas os jornais leem que ser pagos porque além de pagarem o seu custo devem dar lucro para alargar a sua organização e a do Partido.

O pagamento da divida atras mencionada e o pagamento regular das encomendas, significa:

Aumento da tiragem e conservação das seis paginas!

O contrário significa:

Diminuição da tiragem para tres mil exemplares e redução do numero de paginas para quatro e, possivelmente, a suspender o jornal.

Camaradas, fazei viver "Avante!", Jornal da Revolução!

CORRESPONDENTES OPERÁRIOS

Duma maneira geral só conseguimos noticiário quando nos dirigimos directamente nos locais trabalho. Mas, isso nem sempre nos é possível, como os camaradas devem compreender. Necessário se torna, pois, que quer das fabricas, das escolas ou dos campos nos enviem pequenas notas sobre o que se passa.

Não nos enviem artigos abstractos mas tratando de questões concretas que interessem aos nossos leitores. Digam-nos como vivem; contem-nos como são explorados onde trabalham.

Cada leitor do "AVANTE" deve procurar informa-lo o melhor possível. Teremos assim uma rede de correspondentes a travez de todo o país e aproximarmos-nos cada vez mais dos trabalhadores.

Quando acabares de ler o teu exemplar não o destruas, manda-o a um amigo teu, pelo correio, num envelope fechado, pedindo-lhe que faça o mesmo.

Os comunistas e o movimento sindical

Quais são as bases essenciais em que deve assentar a reacção, contra a situação apontada nos artigos anteriores?

1.º Nenhum Comité, nenhuma célula do Partido, por mais pequenos que sejam, deve deixar de ter um dos seus membros dirigentes, como especialmente responsável pelo trabalho sindical. Nas pequenas aldeias e vilas não industriais, se se trata de um pequeno comité ou direcção, de 3 membros, o responsável pelo trabalho nas organizações de massas pode dispensar o responsável sindical; mas nas vilas e nas cidades industriais, o dirigente responsável sindical, ainda que se trate de um comité de 3 membros, não pode nem d' e acumular a direcção de outro trabalho;

2.º Cada novo membro do Partido, ao ingressar n'ele, deve receber uma tarfa numa organização de massas. Isto é condição essencial para se ser membro do Partido. Não queremos simples cotistas. O Partido, sobretudo na ilegalidade, é uma organização de militantes. O cam'ada que vem ao partido e não se sente capaz de desempenhar trabalho numa organização de massas, vem enganado. Isto só demonstra que a actividade da célula que o recruta deixa muito a desejar, como verdadeira célula do Partido, como centro nervoso das organizações de massas que existem á sua volta.

3.º Nas cidades e vilas industriais bem como nos centros onde predominam assalariados agricolas, co- l, pelo menos, dos membros do Partido devem ser lançados no trabalho sindical; trabalho activo, permanente, sistematico. Todos os operários membros do Partido ou candidatos, devem filiar-se no Sindicato ou no Grupo de Defesa Sindical. Se este não existe, em dobrada razão, devem ser lançados na sua organização. O facto de que exista um comité regional um comité local e uma célula de fabrica e não existam, no plano respectivo, uma união regional sindical uma secção sindical de fabrica, indica que o trabalho da respectiva organização é deficiente e que que é preciso concentrar todos os esforços do Partido para eliminar essas deficiencias.

4.º Cada comité do partido deve tomar como ponto decisivo, do seu desenvolvimento e da sua bolchevização, o recrutamento dos operários industria predominantemente, do seu sector e a organização do respectivo sindicato ou Grupo de Defesa Sindical. No Barreiro, temos ferroviários, corticeiros e a C. U. F.; em Setubal, pescadores e conserveiros; em Beja, assalariados agricolas;

colas; em Silves, corticeiros; etc. Aqui estão os pontos decisivos que é preciso penetrar, organizar, dirigir; aqui está a pedra de toque, essencial do bom ou mau trabalho do Partido.

Estes são os principios essenciais que se impõem a todas as nossas organizações, para reagir contra o actual estado de coisas.

E, porém, necessário pôr os nossos camaradas em guarda contra um certo numero de erros e desvios que habitualmente se apresentam, na pratica, e que castrariam o esforço que vamos fazer.

Nos não organizamos por organizar; organizamos para lutar e pela luta. Assim, quando focamos essas questões no terreno da organização, de modo nenhum as separamos da questão da organização das lutas economicas e politicas dos operários; pelo contrario; a viragem da nossa actividade para o terreno sindical, a execução dos principios acima enunciados, significa que devemos prestar uma cuidadosa atenção á condução das lutas parciais dos trabalhadores; significa que toda esta organização se deve fazer á base disso e para isso. Isto coloca o problema de unidade, dos comités de luta, dos comités de fabrica, assunto que analisaremos proxima mente. Ha casos em que uma organização do Partido, criticada pela deficiencia de actividade no terreno sindical, resolve o assunto duma maneira diametralmente oposta ao que se exige. Por exemplo: em tal fabrica existe uma célula do Partido; há um sindicato ilegal e aquela fabrica não tem a sua secção sindical de fabrica. Então a célula constitui-se, ela própria, em secção sindical de fabrica pela qual responde: Pronto; já temos a secção sindical de fabrica! O mesmo em relação a um sindicato, GDS ou comité local local sindical. Ora isto não é organizar o trabalho do Partido, nos sindicatos. Isto é fazer do Partido o sindicato. Isto é repetir os erros que temos apontado. A organização da secção sindical da fabrica, dum sindicato, presuppõe uma ampla mobilização das massas sem partido; presuppõe a participação, no trabalho, duma grossa maioria de operários sem partido. Se isto se não fez, ou não conseguiu, não temos "sindicatos", não temos "secção sindical" por mais que lhe queiramos dar estes nomes.

No próximo numero analizaremos outros erros da questão sindical.

Da imprensa estrangeira

O movimento sindical

"La Vie Ouvriere", órgão da Confederação Geral do Trabalho Unitária, dedica um longo artigo, num dos seus números de Novembro, ao movimento sindical, no nosso país.

Põe em destaque o esforço, formidável da Comissão Inter-Sindical que, rapidamente, reconstruiu a sua organização após o 18 de Janeiro, a directriz revolucionária que imprime aos sindicatos ilegais, de maior população operária que os "sindicatos nacionais", fabricadas pelo "Estado Novo"; e ainda a imprensa sindical ilegal, publicand uma fotografia de "O Proletário da Unidade", de "Electricos" e d "Metalurgicos".

Por uma acção Internacional de ajuda ao movimento proletário praelujs!

E' o titulo com que a "Correspondencia Internacional", edição francesa, n.º 108, publica o apelo feito pelo Secretariado do nosso Partido aos trabalhadores de todo o mundo e cujo extracto publicamos no n.º 2 do nosso jornal.

N. R. A luta pela libertação dos nossos camaradas presos, adquire importância internacional e transforma-se na bandeira em volta da qual se congregam todos os esforços para o derrocamento da ditadura. Esta acção, ligada á luta pela libertação de Thälmann e tres anti-fascistas alemães, dos soldados dos búlgaros, dos mineiros das Astúrias, dos combatentes de Fevereiro na Austria, etc., é fundamental na luta contra o fascismo mundial.

E' necessário não descançarmos; é necessário prosseguirmos a luta até alcançarmos os nossos objectivos

Salvemos Simon Diaz!

"L'Humanité", órgão central do Partido Comunista Francés, publica no seu numero de 23/11/34, um artigo com este titulo no qual se refere á extradição do camarada Diaz, secretario do Comité Regional das Astúrias, do P. C. Espanhol. Denuncia o accordo entre os Governos de Lisboa e Madrid, segundo o qual trocaram revolucionários portugueses refugiados em Espanha, pelos camaradas espanhóis presos em Portugal. Diz que só os reacçãoários encontram asilo em Portugal. Da nota das ultimas condenações dos camaradas: Francisco Rodrigues e José Lustosa a dez annos de deportação; Armando Figueira a trez annos; Artur Gomes a dois annos e meio; Mário Ramito, António Branco, Raúl Correia, José de Sousa e Alice Machado, julgados á revelia, todos condenados a 12 meses de prisão e á perda de direitos politicos por cinco annos.

E termina:

"Apezar deste terror, os trabalhadores portugueses dão-nos um bello exemplo de solidariedade para com os combatentes de Espanha; os constituintes de comités de ajuda á defesa, especialmente do norte (Porto), Mantem os refugiados

(Continua na 6.ª pagina)

Mineiros espanhóis homisiados em Portugal

Correspondendo ao apelo do "Avante!", publicado no ultimo numero, recebemos algum dinheiro, destinado aos camaradas refugiados em Portugal:

Camarada Almeida 20\$800
Camarada Luiza 11\$500
C.R. de Lisboa 71\$500

102\$800

Importância esta que, por nós,

foi entregue ao Comité de Ajuda (S.V.I.)

Camaradas, ajudai os nossos companheiros espanhóis, heróicos combatentes das Astúrias, pelo pão pela terra e pela liberdade. Ajudai-os a lutar; sem a vossa ajuda eles serão presos e entregues ás autoridades espanholas, pois não terão possibilidades de se occultar.

Todos os trabalhadores devem contribuir!

A vida dos Operários e Camponeses

A metralha da Guarda impõe respeito pela Federação

BOMBARRAL — O Grémio da Federação Vinícola é dirigido por um grande lavrador e dirigente da União Nacional. Foi administrador do concelho e faz parte da Câmara. Aqui impera a arbitrariedade. Vou contar-vos alguns casos.

O Grémio comprou vinho a um lavrador. Como aquele se demoras-se em retirá-lo, o vinho acidificou-se. A Federação mandou lançar grande quantidade de cal no vinho, o que o inutilizou. Pois o prejuízo foi o produtor?

Um pequeno lavrador de Casais do Bombarral foi fazer uma reclamação ao Grémio. Foi corrido a porta-pés. Ele foi queixar-se aos vizinhos que correram ao Bombarral, insultaram os directores e espalharam os móveis. O Sr. Sepúlveda, com boas palavras, lá conseguiu acalmar os camponeses.

Porém, logo que se apanhou a salvo telefonou para a Guarda Republicana que, munida de espingardas e de duas metralhadoras, veio «infundir respeito» pela Federação e acatamento resignado dos porta-pés dos seus empregados.

Não vos acobardeis, pequenos vinhateiros!

A atitude que adoptasteis é a melhor!

A armazenagem do vinho aumenta a nossa miséria

AVEIRAS DE BAIXO — Os vinhateiros não têm onde arrecadar os vinhos porque o vendiam em mosto. Foram obrigados a comprar vasilhas o que aumenta a sua miséria. Além disso são obrigados a vender o vinho ilegalmente por preços irrisórios. Os tubarões que os compram vão vendê-lo depois à Federação, realizando um lucro fabuloso.

Os lavradores desta localidade dizem que acabaram o Sr. Arboreu — o director do Grémio — se ele por cá aparece.

E, para cúmulo, este cavalheiro não se cansa de cometer barbaridades.

Em nome da Federação mobilizou uns depósitos de vinho de Targarro.

Lavrou-os e deitou o vinho com a água d' lavagem o que estragou cerca de duzentas pipas.

"Siopão, só se interessa pelos grandes vinhateiros"

CADAVAL — O Grémio é orientado por «Siopão», dirigente da União Nacional, tesoureiro da Câmara, avaliador da Repartição da Fazenda, director da Caixa de Crédito Agrícola, qualquer coisa da Federação dos Trigos, juiz de paz, etc. E de muito comer e de muito estupidizar.

No Painho comprou vinho a 12500. Passados meses mandou buscá-lo. A demora acidificou-o. Pois os vinhos foram pagos a 8500!

Um pequeno vinhateiro entregou, com a proposta de venda, uma amostra do seu vinho. Várias vezes foi ao Grémio saber da sua questão, dizendo-lhe «Siopão» que «de Lisboa ainda não tinham respondido».

até que uma das vezes notou que a sua amostra estava numa prateleira, junto com outras. A proposta nem sequer tinha saído do Cadaval. Resolveu o assunto lá cace-tado.

Siopão só se interessa pela sua engorda, não quer saber dos negócios dos pequenos vinhateiros.

Os burgueses e o fascismo

Reuniu-se há dias no teatro da Inevitável Almadaense, num comício de propaganda eleitoral, toda a família fascista, os pequenos-burgueses.

inimigos das nossas liberdades.

Ele o disse: em Almada só há comunismo e fascismo nada mais.

Nós só podemos estar com os primeiros e em luta contra o segundo que da miséria e tortura.

Operários da Parceria preparai-vos para a resistência!

Nos estaleiros da Parceria ouvimos ler lútos a mão de obra nacional. Aqui Salazar disse que o «Estado Novo» nos garantiria o trabalho. Alguns polícias de informações, para fazer

PEQUENOS CAMPONESES VINHATEIROS!

O que se passa convosco nos grémios por esses pais fora não é obra apenas de meia dúzia de mãos que estão à frente desses organismos. É obra da própria política dos salazares e do Estado Novo.

Essa política é o modo posto em prática por Salazar para vos arruinar a todos e para salvar e engordar só os grandes vinhateiros e capitalistas!

Formai Comités em todos os Concelhos vinícolas!

Lutai contra a Federação e contra o Estado Novo!

Como?

Recusando-vos a pagar os 18% para a Federação!

Creando-vos próprios a liberdade da venda dos vinhos.

Formai nas aldeias e nos concelhos Comités de protecção da venda livre dos vinhos, de luta pela redução das contribuições, e dos impostos! Mais ainda: Exigi que vos seja levantada a obrigação de pagar quaisquer contribuições e impostos e ainda que o Estado vos preste um socorro para o sustento dos vossos lares, por virtude da crise e de auxílio às culturas da presente ano.

E não fiquis por aí.

Os mandões do Estado Novo e os grandes lavradores andam agora a preparar novas leis de redução do plantio da vinha.

Fazei este raciocínio: Se deixarmos de cultivar a vinha o que culti-varemos, pois que a crise e também cerealífera?

Então, a luta contra os 18% para a Federação vinícola, pela liberdade da venda do vinho e por um socorro imediato do Estado, iniciam desde já a preparação da luta contra todas as medidas que venham reduzir-vos a área das culturas vitícolas!

se indecisos e incapazes de compreender a crise que os esmagava, como espectadores, grande número de proletários. Tinha-se pensado, a princípio que não deveriam ir, mas foi bem empregado o tempo que gastaram lá, optima lição que colheram e dum alto significado o seu silêncio, ante os gritos histéricos de vivas ao «Estado Novo» que uns rapazes, de mistura com um agente da Polícia de informações, iam soltando.

A lição que tiveram foi poré o mais valioso para eles e compensação dos discursos que lhes foram impingidos. Um antigo democrático esquerdista que armava em espírito progressista, que chegou a dizer que com o tempo se chegaria à Anarquia e seria então anarquistas, deu a sua adesão ao fascismo português. O caso que mereceu as censuras dos seus antigos correligionários e tem sido comentadíssimo nas fábricas, merece uns comentários. Esse senhor Pimenta, demagogo a acamarar com todos, nos tempos de eleições em tabernas e em oficinas; lição-lhe de tudo que fosse popular para melhor se servir do povo como trampoleiro pensou ao dar a sua adesão que leiria que outros tempos opôs aos seus aliados de agora. Enganou-se. A nossa posição é agora e no futuro, contra todos os exploradores e

«laqueados» deram vivas a Salazar e à Patria. Os jornais no dia seguinte disseram que na nossa fábrica os operários eram fervorosos admiradores do «Estado Novo».

A obra patriótica de Salazar foi auxiliar os nossos patrões, franceses, a pagar-nos 50%, nas horas extraordinárias!

Apesar das leis contra o «lokaout» e despedimentos, já foram despedidos este mês 50 camaradas. A G. dos telefonos despediu 500 operários. A Carris já fez balões. Os fabricos, estão a chegar ao fim.

E depois?

São centenas de trabalhadores atirados para o desemprego.

Estais pelos ajustes de morrer de fome?

Camaradas!

O Estado e a empresa são os responsáveis da falta de trabalho. Que vos deem trabalho, no mínimo de 60.500 por semana para cada desempregado.

Organisai a resistência.

Reuni os melhores camaradas, num COMITÉ DE LUTA, que realize demarches junto dos patrões, das autoridades, exigindo que nenhum seja despedido!

Respondei com a greve geral da fábrica aos despedimentos!

Formai filas cerradas em volta da celula do Partido e da Secção Sindical da Fábrica!

Nem um só litro de imposto!

A ZAMBUJA — Os produtores de vinho de todo o Concelho comprometeram-se a não entregar nem um só litro à Federação, por conta dos 18% de imposto. Decidiram que: «o que o fizer será morto».

Camaradas vinhateiros pobres, isso não basta, nem é processo. Deveis reunir os mais decididos dentre vós e, mantendo vos em ligação, ligar todos os camponeses e impor no vosso Concelho:

Nem um centavo de imposto para a Federação!

Mesmo nas barbas d' eles...

BARREIRO — «Bacalhau», o célebre chefe do posto policial, veio de Setúbal, a seu pedido, para extermiar os comunistas cá da terra.

Há dias, influido com o anúncio pela fita cómica que hivi dias fora anunciada, resolveu dar uma saltada ao cinema. Mas, deixou o posto às moscas...

Quando voltou ia tendo uma síncope. Não queria acreditar no que via. Para todos os lados para onde se virava lia: «Libertai Thaelmann», «Viva o Partido Comunista!», «Riscui as listas da União Nacional!», «Amnistia para os 1.600 presos!», «Aii furibundo a procure dos comunistas, que lhe tinham decorado o posto com disticos e cartazes...

Desisto escudos por semana!

VALADA DO RIBATEJO — «Os trabalhadores rurais estão ganhando agora, em plena safra da azeitona, 6 escudos as mulheres e 6 os homens. Logo que termine a colheita da azeitona, que isto ano é muito escassa, os preços descerão ainda mais, porque a oferta da mão de obra agrícola é enorme e constante. E' provável que se não possa garantir a cada chefe de família 18500 por semana. E' a fome que bate à porta dos trabalhadores rurais que, não compreendendo as causas da sua desgraça, atribuem as culpas aos proprietários, criando-lhes um ambiente horrível».

(Do jornal burguês «Notícias Agrícolas» de 6-12-34)

Trabalhadores de Valada, os proprietários são a causa da vossa desgraça, eles e o «Estado Novo» que, e vos rouba e vos espaque quando vos revoltais para não morrer de fome.

Acaso não vivem bem? Não tem boas casas, automóveis, boa mesa e todas as comodidades? Portanto a crise é suportada inteiramente por nós.

O ambiente horrível que eles tem, prova que haveis compreendido o que o camião a seguir é o da luta para acabar com a vossa miséria.

Lutai por um salário mínimo de 15500!

OS DEPORTADOS DOS AÇORES

(Continuação do 2.º artigo)

apadrinhamento das prisões; etc.

Pedimos aos camaradas de todas as prisões que nos escrevam expondo a situação em que se encontram e que nos forneçam, com a maior exactidão, dados concretos sobre a maneira como vivem nas prisões

Governo de Salazar, governo de farçada!

N. cidade de Beja, informamos que entraram 533 listas eleitorais. Os dados oficiais dão 9.000 votos ao Distrito de Beja! Em Garvão começa de Ourique, entraram 18 votos pró e 17 contra. Nada é dito, oficialmente, a este respeito. No Barreiro, registou-se o seguinte: dos caminhos de ferro não votaram mais de 5% dos que tinham capacidade de voto. 50% das listas foram depositadas na urna por alfabetos e, na maioria, pessoas que não residiam no Barreiro segundo o tempo que é estabelecido pela lei. Como foi arranjar isto? O guarda-portão da C.U.F. (que é da "grei") dirigiu-se aos serventes, ha pouco em serviço na fábrica, e disse-lhes: «já foste votar?» Ainda não, senhor.

«Pois toma! (e apresentava uma lista) vai lá e diz que vais da minha parte...»

Entraram centenas de listas com palavras de ordem do Partido. As notícias oficiais não referem nada disto.

Alguém da mesa eleitoral confirma que tinham fecebido ordem para fazer «chapeladas».

Numa localidade do Alentejo passamos-se o seguinte: «os da grei» foram ali e dirigiram-se a uma pessoa de influência. Pediram-lhe o voto. Tiveram por resposta: «Não vou porque eu já não sou industrial há anos e entretanto fizeram-me pagar a contribuição industrial este ano».

Passados dois dias recebeu um telegrama, onde lhe era dito que não tinha direito a voto. Foi inquirir porque é que assim acontecia. Tive por resposta: «E' porque você faz propaganda, contra o Estado Novo, nas tabernas...»

Por fim, a relação ultimamente fornecida a público, com o relato do resultado total das eleições, revelou um facto que ainda não tínhamos apontado: Em todo o «Império» votaram cerca de 50.000 indivíduos.

E é a isto que se chama «realidade» de um império?

UM DOCUMENTO INÉDITO

(Continuado da 1.ª página)

minh os seus esforços para que amanhã (após a revolução) eles não sejam de novo iludidos pelo Favre e pelos Piat. Trata-se simplesmente de saber que politica se deve seguir, uma politica exclusivamente proletariana, e não uma politica a rebuque da burguesia.

«Eles propagandeam a abstenção da politica, porque, segundo eles, o resto é o mesmo que o reconhecimento. O estado de coisas existentes. O que existe existe, e não se preocupam, de modo nenhum, se nós o reconhecemos ou não. Mas se nós utilizamos os meios que nos são facultados pelo existente para a luta contra si, a isso poderá chamar-se reconhecimento?»

(2) Jules Favre, republicano francês, braço direito de Thiers no período do esmagamento da Comuna.

Felix Piat, radical francês, pequeno burgues.

O plebiscito do Sarre

E' dum grande significado politico o plebiscito do Sarre, que agora se vai realizar. Dum lado, os hordas a zis defendendo o regno do Sarre à Alemanha; do outro a «Frente da Liberdade», defendendo o «statu quo», isto é, a independencia do Sarre, ante a ameaça dos fascistas da França e da Alemanha.

Foi esta independencia que Livinov defendeu na SDN, com grande «indignação» da Inglaterra e da Italia e pela qual luta a frente unica que, como tudo indicia, será a vencedora do plebiscito.

No grande «meeting» do dia 6, ao qual assistiram 90 mil pessoas, os trabalhadores do Sarre juraram votar pelo «statu quo»!

Sobre os boatos de «entendimento»

Aqui e ali, principalmente em Lisboa, vêm fervilhando boatos, segundo os quais o P. Comunista e os chefes republicanos teriam chegado a um accordo.

Estes boatos procedem, directa, ou indirectamente das próprias sugestões de algum de entre tais chefes republicanos.

Que vos convem que respondamos senhores revirralistas?

Por exemplo, que digamos — o que é verdade — que entre nós e os senhores não se chegou a qualquer accordo; ou — o que não é verdade — que entre nós e os senhores se chegou a um accordo, porque os senhores se comprometeram a rejeitar a tática putchista; que se comprometeram a lutar e a aconselharem a lutar os que vos seguem:

Contra o fascismo! Contra a guerra! Pela amnistia! Pela defesa da URSS!

... que realisam esta luta também sob o signo da unidade de acção de classe proletária; e, finalmente que foi reconhecido o direito a cada uma das partes de conduzir em plena liberdade, o seu trabalho de propaganda de proselitismo e de critica nos que infringem as condições daquelle accordo?

Breve trataremos o assunto mais em detalhe.

Dezenas de milhares de "não"!

Realizando-se a 17 de Fevereiro a eleição para Presidente da Republica. E' necessario que todos os anti-fascistas manifestem a sua não concordancia com a «camarilha» Salazar — Carmona, depositando nas urnas milhares de «não»!

Até lá as camaradas com capacidade eleitoral devem inscrever-se no recenseamento e lembrar a todos os anti-fascistas a vantagem de se inscreverem.

Em massa, pois, ao recenseamento eleitoral nas Juntas de Freguesia!

Salvemnos Simon Diaz!

(Continuado da 4.ª página)

dos espanhóis e livramos-nos da policia de Salazar.

Accentuamos aqui esta solidariedade internacional. Lutemos para arrancar Simon Diaz e todos os presos das prisões espanholas; lutemos pelo direito de asilo para os refugiados!

Os marinheiros rebelam-se...

VILA FRANGA DE XIRA — Em virtude das ultimas disposições do Ministerio d. Marinha, foram cortadas as passagens as praças. Até aqui, o Estado custeava as passagens do comboio, desta vila para Lisboa.

Esta medida causou vivo descontentamento entre os marinheiros que se declararam em greve, recusando-se a saírem da base.

A atitude dos camaradas marinheiros demonstra bem como são recebidas as disposições dos mandamentos do Estado Novo.

A própria força arm da, apoio unico da Ditadura, e tor a cada vez mais hostil ao Governo de Salazar.

Camaradas das outras unidades navais e terrestres, segui o exemplo dos marinheiros de Vila Franca.

Uma greve numa fabrica de cortiça

MONTIJO — Uma das fabricas da vila teve que fechar as portas. Os operários, com o não fossem attendidas as suas reclamações, declararam-se em greve. Pedem que lhes sejam aumentados os salários miseráveis que hoje recebem.

Camaradas da nossa «Comité de Greves» eleto por todos os camaradas, que dirija a greve. Façam com que os operários das outras fabricas se solidarizem convosco, lutando pelo aumento dos seus salários. Não voltai ao trabalho enquanto as vossas reivindicações não forem satisfeitas!

Trabalhadores! Lede O Proletario Orgão da C. I. S.

Orçamentos militares

Entrou já em conclusão a 1.ª parte do programa Naval. Nos ultimos tempos procedeu-se a uma corrida a motorização do exercito. Militarizou-se a policia de segurança e o próprio corpo de Bombeiros. Discute-se a unificação do exercito metropolitano e colonial. Os generais e os chefes do «Estado Novo» falam abertamente dos objectivos da guerra do capitalismo português. Prometeu-se um novo manual de atenções para o exercito. Diz-se que o Governo Salazar pensa contrahir um empréstimo de 10 milhões de libras, 8 milhões das quais deverão ser fornecidos sob a forma de material de guerra.

Urge rechaçar, cada vez mais a politica de guerra do capitalismo português.

Como lutar contra a guerra, trabalhador e explorado?

Em primeiro lugar lutando pela elevação do teu próprio nível de vida e pela liberdade de expressão do pensamento, de reunião e de greve.

Em segundo lugar manifestando por meio do teu protesto, a tua individual, o teu desaccordo com a politica de guerra.

Em terceiro lugar de i lind, firmemente não tomar parte na guerra dos capitalistas.

A construção do socialismo

(Continuado da 2.ª página)

linhas de penetração; substituir-se-ão 20.000 quilómetros de linha reduzida por outros tantos de via normal. A totalidade da rede ferroviária deverá passar de 83.000 quilómetros para 94.000.

Formar-se-ão 5.000.000 de operários de qualificação corrente. O numero de especialistas em todos os ramos da economia nacional elevar-se-á de 2,7 milhões para 4.000.000. Promover-se-ão entre 1933-37, 340.000 especialistas saídos das escolas superiores e 850.000 saídos dos institutos técnicos.

As verbas consignadas às novas construções cifram-se em 133,4 bilhões de rublos, contra 50,5 bilhões no primeiro plano quinquenal. As em rezas novas e reconstruções no segundo plano quinquenal, deverão atingir o valor de 132 bilhões de rublos, contra 38,6 bilhões em 1927-32.

O capital fundamental da URSS de 55 bilhões de rublos no primeiro plano quinquenal, a 195 bilhões no segundo.

O numero de operários e de empregados elevar-se-á de 26%. Será dobrado o salário dos operários. Os preços dos artigos de detalhe reduzir-se-ão de 35%. As despesas com os seguros sociais, instrução pública, protecção da saúde, elevar-se-ão de 4,3 bilhões de rublos para 9,3 bilhões. Além da liquidación total do analfabetismo, em geral, e do semi-analfabetismo entre a população adulta, instituir-se-á o ensino politico geral obrigatório.

O numero de estudantes de todos os graus deverá passar de 24,2 milhões a 36.000.000. Elevar-se-á o numero de alunos a 10.000 e o de bibliotecas a 25.000. O numero de leitos nos hospitais elevar-se-á de 44% nas cidades e de 98% nos centros rurais. O numero de lugares nos creches elevar-se-á de 164% nas cidades e de 120 nas regiões rurais. Mais 104 cidades ficarão com um serviço de distribuição de água. As cidades servidas por carros electricos deverão passar de 30 a 70.

A renda nacional da URSS elevar-se-á de 455 bilhões de rublos em 1932 para 100 bilhões em 1937. Isto é, terá um aumento de 2,2 vezes. E a parte do fundo de consumo de massas, proveniente deste aumento será aumentada de 2,4 vezes.

Eis um breve resumo desses progressos gigantescos propostos pela grande patria dos operários e dos camponeses para um breve intervalo de cinco anos. A agricultura tornar-se-á totalmente socialista.

O mar imenso do progresso soviético transforma-se numa arma poderosissima, frente ao mundo burguês que derrui.

Não se vence com uma vanguarda apenas. Arremessar só a vanguarda na batalha decisiva, enquanto toda a classe, enquanto as largas massas não concedem o seu apoio directo à vanguarda, ou pelo menos não observam uma neutralidade benevolente em relação a ela ou sustentam ainda relativamente o adversario, isso só não somente estúpido mas criminoso.

Lenine